

## JOSÉ E MARIA: UM DIÁLOGO PROFÍCUO

José Hélder Pinheiro Alves  
UFCG

### RESUMO

O diálogo entre textos literários é tão antigo quanto a própria literatura. Ele ocorre das mais diversas formas e com as mais diferentes intenções. Pode ocorrer de modo crítico, pelo viés paródico; através de paráfrases ou ainda por uma perspectiva de estilização, como propõe Sant'Anna (1985). Nesta comunicação faremos uma análise comparativa entre os poemas “José”, de Carlos Drummond de Andrade e “Drumondana”, de Alice Ruiz. Será observado o modo como a poetisa paranaense retoma o poema de Drummond a partir de uma perspectiva que capta a condição da mulher no mundo contemporâneo. A abordagem comparativa respaldada em Carvalhal (2003) pode se revelar bastante útil para o trabalho em sala de aula, tanto no ensino básico quanto na universidade.

PALAVRAS-CHAVE: Drummond; Alice Ruiz; Ensino de poesia

### Introdução

Há poemas que, com o tempo, assumem uma popularidade, uma consagração difícil de explicar. Dois casos se destacam em nossa literatura: a “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias e “José”, de Carlos Drummond de Andrade. Nos dois casos, certamente o ritmo é um dos elementos responsáveis pela fixação na memória coletiva e que se sobressai por como uma espécie de refrão. Outro aspecto que contribui para esta fixação de alguns versos na memória coletiva se deve ao tipo de verso empregado pelos poetas: no primeiro, o verso de sete sílaba e no segundo a predominância da redondilha menor – versos que, além de bastante musicais, bem próximos de nossa fala.

Além da presença marcante na memória popular, estes dois poemas foram retomados por poetas posteriores – sobretudo a “Canção do exílio” – num diálogo ora crítico, ora parafrástico. O poema de Gonçalves Dias já foi largamente estudado em seu diálogo com textos posteriores. Já o de Drummond foi menos retomado e, conseqüentemente, menos estudado numa perspectiva intertextual.

Discutiremos, neste artigo, o diálogo entre os poemas “José” de Carlos Drummond de Andrade e “Drumondana”, da poetisa paranaense Alice Ruiz. Além de

destacar as proximidades estilísticas e os distanciamento ideológico, apontaremos também algumas possibilidades de aproveitamento do poema no contexto escolar.

### **José: o livro, o poema e a crítica**

“José” é o poema que dá título a um livro de poemas de Drummond que apareceu a primeira vez na reunião da obra do poeta denominada *Poesias*, de 1942. Em ensaio sobre o livro *José*, no posfácio de uma edição atual, o crítico Júlio Castañon Guimarães (2012) apresenta um panorama do livro, lembrando que o poema “José”, recebeu um musicalização pelo maestro Villa-Lobos. Destaca também que dada a repercussão do poema, Drummond organizou um montagem de textos denominada *E agora, José. Elementos para a história social de um poema*. Este material não foi publicado e encontra-se no arquivo do poeta na Fundação Casa de Rui Barbosa. Segundo Guimarães (2012) é Afonso Arino de Melo Franco quem faz a primeira observação sobre o poema, em artigo de 1942<sup>1</sup>. Ele teria tido acesso à obra antes da publicação. Destacamos um fragmento desta apreciação:

Nele, como sempre, o poeta, supondo definir um estado de alma personalíssimo, está, de fato, traduzindo na língua incisiva e desdenhosa do verso uma posição que é de quase todos nós. A posição de angustiosa expectativa diante de um mundo que se esboroa à nossa roda, sem que possamos intervir eficazmente. (GUIMARÃES, 2012, p. 62)

Para o crítico John Gledson (1981), o livro caracteriza-se mais por uma confiança crescente, que contém tensões, (...) e que não põe à prova a relação do poeta com o mundo da maneira totalizadora característica de muitos poemas de *A rosa do povo*. (p. 141)

O livro, embora pequeno, traz poemas centrais do poeta, de grande valor estético – sempre fruto de uma tensão às vezes dramática do eu lírico vivenciando os mais diferentes conflitos. Destacam-se, dentre eles, “A bruxa” e “O boi”, que

---

<sup>1</sup> Outra informação importante que nos é fornecida pelo crítico diz respeito a algumas modificações efetuadas pelo poeta. “Na primeira edição em livro surge para compor a sequência de três interrogações uma outra que se dirige a um terceiro personagem: ‘e agora, José?/ e agora, Joaquim?/ e agora, Raimundo?’” (GUIMARÃES, 2012, p.76)

problematizam a solidão do homem moderno “Entre carros, trens, telefone”. “O lutador” tornou-se paradigmático da concepção do fazer poético de Drummond, presença constante em antologias e livros didáticos. Outro poema denso e tenso e “A mão suja”, cujo valor simbólico se projeta para os mais diferentes dramas humanos. O livro se fecha com um poema também, que é “Viagem na família” que traz uma temática que voltará posteriormente em livros como *Boi tempo*.

Como já foi salientado por diversos críticos, o poema “José” alcança um nível de universalidade, de abertura para diferentes interpretações. Pode-se afirmar que ele põe a nu a condição do homem moderno, solitário que escuta o eco de tantas perguntas. Consequência da ausência de um destino certo, de um ponto de chegada seguro, de uma utopia a que se entregar. O signo da negatividade perpassa o poema em todas as estrofes (“a noite esfriou”, “você que é sem nome”, “está sem...”, “ não veio”, “não existe porta”, “se... se... se...”).<sup>2</sup> A leitura integral do poema sempre se faz necessário:

---

<sup>2</sup> Destacamos duas interpretações sobre o poema: primeiro, Emanuel de Moraes (1979), em ensaio denominado “As várias faces de uma poesia”, afirma: “José é todos os homens, e ele sente todos os problemas da humanidade.” (p. 23) Sant’Anna (1977), que estudou a obra de Drummond em sua integralidade, afirma que José “É um heterônimos que sobrevive e se destaca de vários outros criados por ele (Joaquim, Raimundo). José é mais *gauche* do que Carlos. É uma invenção mais apurada. (...) Principalmente José não tem lastro familiar. Não tem sobrenome, não se sabe de onde veio nem para onde vai. Tem a chave na mão, mas não existe porta. Quer voltar ao passado, mas o passado secou. Suas alternativas não passam de hipóteses seguidas de reticências. Até a morte lhe estranha. José é essencialmente o ser aporético. É uma espécie de zero à esquerda, símbolo de uma era de massificação, época de objetos e não de sujeitos.” (p. 43)

## JOSÉ

Carlos Drummond de Andrade

E agora, José?  
A festa acabou,  
a luz apagou,  
o povo sumiu,  
a noite esfriou,  
e agora, José?  
e agora, Você?  
Você que é sem nome,  
que zomba dos outros,  
Você que faz versos,  
que ama, protesta?  
e agora, José?

Está sem mulher,  
está sem discurso,  
está sem carinho,  
já não pode beber,  
já não pode fumar,  
cuspir já não pode,  
a noite esfriou,  
o dia não veio,  
o bonde não veio,  
o riso não veio,  
não veio a utopia  
e tudo acabou  
e tudo fugiu  
e tudo mofou,  
e agora, José?

E agora, José?  
sua doce palavra,  
seu instante de febre,

sua gula e jejum,  
sua biblioteca,  
sua lavra de ouro,  
seu terno de vidro,  
sua incoerência,  
seu ódio, - e agora?

Com a chave na mão  
quer abrir a porta,  
não existe porta;  
quer morrer no mar,  
mas o mar secou;  
quer ir para Minas,  
Minas não há mais.  
José, e agora?

Se você gritasse,  
se você gemesse,  
se você tocasse,  
a valsa vienense,  
se você dormisse,  
se você cansasse,  
se você morresse...  
Mas você não morre,  
você é duro, José!

Sozinho no escuro  
qual bicho-do-mato,  
sem teogonia,  
sem parede nua  
para se encostar,  
sem cavalo preto  
que fuja do galope,  
você marcha, José!  
José, para onde?

Certamente nos identificamos – em níveis diversos – com tantas situações de carência e impossibilidade de realização de sonhos e desenhos. O poema se torna simbólico tanto no plano social e político – aspecto ligado ao tempo em que foi produzido – quanto ao plano individual – nossas crises, as tensões agudas, a falta de chão, de perspectiva. Como se vê, trata-se de um eu lírico – ou de um sujeito – partido, em meio á tempestade. Esse sujeito é um ser social, está em meio a uma crise porque está inserido no mundo moderno. Esta experiência é tipicamente do homem moderno. E o homem aqui não como apenas humanidade – mas como gênero, com sujeito posto no mundo dos conflitos. Não negamos sua universalidade – que nasce da figuração de

um drama que pode ser todos nós – mas não podemos esquecer que nem todos os sujeitos – femininos ou masculinos -, no contexto da publicação do poema, puderam viver esses dramas. Por outro lado, num plano pessoal, o sujeito feminino pode se projetar no poema – sua ausência de perspectiva, sua dificuldade de vencer fortes barreiras de uma sociedade patriarcal que lhe cerceou a possibilidade de escolher um caminho diverso do que foi determinado para ela. Ou seja, esta ambivalência do poema o eleva a um valor que escapa de uma crítica que tentasse aproximar esse sujeito lírico dos dramas meramente relacionados ao homem. O poema será retomado, na década de 80 do século passado por uma poetisa paranaense, a senhora Alice Ruiz. Passemos, pois a observar de que modo o seu “Drumundana” dialoga com o texto de Drummond.

### **Maria: o poema e a condição feminina**

Os estudos voltados para os modos como a mulher é representada na literatura e como elas têm lutado para terem suas obras reconhecidas, tem contribuído largamente para que se tenha uma percepção mais justa das questões de gênero. Destaque-se, neste âmbito, a redescoberta de escritoras e poetisas que, por diferentes razões, passaram ao largo de nosso cânone. Por certo, diferentes vivências de cerceamento da liberdade, experimentadas secularmente pelas mulheres, revelam nuances da condição feminina e de sua resistência, de suas dores, de seus impasses que passavam/passam ao largo ou são interpretadas de modo preconceituoso. Os preconceitos são muitas vezes naturalizados que nem sequer se percebe determinadas nuances da voz lírica feminina. O crítico contemporâneo precisa abrir os ouvidos para escutar as peculiaridades da voz lírica feminina. A poema “Drumundana”, de Alice Ruiz, estabelece um diálogo fecundo com o poema “José”, de Carlos Drummond de Andrade. Passemos à leitura.

#### **Drumondana**

Alice Ruiz

e agora, Maria?  
o amor acabou  
a filha casou  
o filho mudou

teu homem foi pra vida  
que tudo cria  
a fantasia  
que você sonhou  
apagou  
à luz do dia  
e agora, Maria  
vai com as outras  
vai viver  
com a hipocondria

O poema de Alice Ruiz foi publicado originalmente no livro *Navalhanaliga* (1980), obra reeditada na antologia *Dois em um* (2008), edição a que tivemos acesso. Inicialmente observa-se que o título “Drumondana” não faz referência direta ao poema “José”, mas ao próprio poeta – consequentemente, à sua obra. A ambigüidade que surge do título condensa tanto parte do nome do poeta quanto a referência ao mundo, tema que a partir de *Sentimento do mundo*, terceiro livro de poemas do poeta de Itabira, se tornará central em sua poesia. Mas há também neste título a palavra “mondana”, que lido o primeiro /o/ com /u/, assume um valor associado a algo sem valor, sem dignidade, socialmente desprezível. Este aspecto é da maior importância e assume um caráter irônico, uma vez que a que não tem valor, como se vê no poema, é Maria, nome comum, como José, que pode representar qualquer mulher que a certo momento da vida vê desmoronar os pilares que a sustentavam – mas não tem seu drama reconhecido. Outro aspecto a ser destacado diz respeito ao tamanho do poema de Alice Ruiz, que é bastante conciso e construído com uma pontuação bastante livre.

Se por um lado, o poema de Drummond ostenta um eu lírico que apresenta marcas de uma certa nobreza (“sua bíblia”, “sua lavra de ouro”, “seu terno de vidro” – “se você tocasse a valsa vienense”, “você que faz versos”), por outro, o de Ruiz traz uma história não propriamente de ausência de caminho, mas de fracasso nascido da condição feminina e seus condicionamentos. O eu lírico não tem emprego, vive de ausências e perdas, da falta de sonhos e fantasias. Parece ser alguém que apostou ou foi levado a apostar suas fichas num modelo de família em que cabe à mulher dedicar-se à criação dos filhos e cuidar da casa e do marido. Mas quando eles se vão, quando o amor acaba, surge o vazio profundo, a falta de perspectivas. Maria pode ser lida, portanto, como uma espécie de representação da condição de muitas mulheres. As perdas e as conseqüentes dores destas Marias nem sempre são consideradas

universais, uma vez que a elas [dores caseiras, coisa pequena, sentimental] não se confere valor social. A mudança experimentada pelo eu lírico parece ter ocorrido quando tudo parecia bem, em equilíbrio: “fantasia/ que você sonhou/ apagou à luz/do dia.” Resta ao eu lírico tornar-se uma Maria “vai com as outras” – as que têm o mesmo destino. E o que é mais trágico: “vai viver/com a hipocondria”. A somatização das dores, dos sonhos naufragados parece o destino a que muitas Marias ainda estão fadadas.

O poema de Alice Ruiz dialoga com o de Drummond não meramente parodiando-o ou mergulhando num filão temático ou rítmico. Há aqui uma individualidade que comparece na percepção do destino trágico de alguém que não tem nobreza. O destino está em ser condenada, depois de tantas perdas, a ser uma Maria “vai com as outras”, a somatizar as dores, a não poder ou não ter forças e condições de forjar o destino.

### **João e Maria na sala de aula**

A leitura dos dois poemas ostenta, logo à primeira vista, relações intertextuais, favorecendo boas hipóteses de leitura, diálogos que possam conduzir a uma aproximação mais efetiva dos dois textos.

Imaginemos, pois, estes poemas trabalhados em turmas de nono ano do ensino fundamental ou em qualquer série do ensino médio. A escolha se justifica pela complexidade de questões colocadas, embora pelo ritmo os poemas tentem a agradar leitores mais jovens e menos experientes.

Como sempre, defendemos (ALVES, 2008) como ponto de partida a leitura oral dos poemas. Com relação a “José”, poema mais longo, procurar evitar uma leitura monótona. A predominância de versos de cinco sílabas já convida para uma leitura mais rápida. Atentar para as repetições de palavras, para a pontuação, para as enumerações que pedem uma leitura mais rápida. Um verso como “E agora, José”, que se repete ao longo do poema, pode ser pronunciado de diferentes modos – oral mais alto, ora mais baixo, ora desesperado, ora contido, etc. Essa realização deverá apontar os diferentes tons do poemas e o conseqüente afeto que revela. A repetição é uma pedra angular na busca de uma leitura expressiva. Estimular que os jovens leitores procurem

fazer realizações orais as mais diversas e, muitas vezes, partir destas realizações discutir os sentidos que nascem desse diálogo do leitor com o poema. Neste sentido, estimular a turma para falar do poema - quem é esse José hoje? Simbolicamente o que ele representa? Publicado há mais de sessenta anos, o poema tem atualidade? Qual. Você já se sentiu um José – perdido, buscando um caminho, mas sem direção?

O mesmo procedimento deve ser seguido na leitura de “Drumondana”, de Alice Ruiz. Por exemplo, nos dois poemas pode formar uma espécie de coro com os versos que se repetem. Enquanto um grupo lê o poema, outro pode ficar repetido, de diferentes modos, o “E agora Maria?”, tentando mostrar como que a intimidade perturbada do eu lírico.

Um procedimento que pode ser utilizado com o poema de Alice Ruiz é a realização de um jogo dramático em que o poema seria dito por diversas pessoas e uma representaria o drama de Maria – inclusive criando falas a partir da tensão retratada. Alguns versos poderia ser repetidos várias vezes, adensando o drama da persoangem.

## **CONCLUSÃO**

Como lembram as *Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio* – OCEM, o objetivo do ensino da literatura é contribuir para formação de leitores. Neste sentido, acreditamos que só o enfrentamento cotidiano da leitura de textos é que pode contribuir para esta formação. Mas esta leitura necessita de um planejamento que contemple uma perspectiva metodológica. Apenas entregar o texto e cobrar uma interpretação ou o reconhecimento de figuras de linguagem, por exemplo, não assegura um mergulho mínimo no texto. É preciso buscar caminhos que estimulem o encontro entre texto e leitor. Esta proposta apresentada procura indicar alguns procedimentos a partir de dois importantes textos de importantes vozes de nossa poesia lírica. Outros procedimentos poderiam ser adotados ampliando o que aqui explicitamos. Por exemplo, abordar o poema de Carlos Drummond de Andrade a partir da localização da melodia de Villa-Lobos ou da musicalização de caráter mais popular realizado por Sidey Miller. Há ainda um poema de Adélia Prado (1991), do livro *Bagagem*, denominado “Agora, ó José” que dialoga com o de Drummond lançando

mão de uma visão de mundo religiosa, portanto, mais otimista uma vez que embora não negue o drama, a falta de perspectiva de José, acenando com a esperança: “O que te salva da vida/ é a vida mesma, ó José,/(...) Resiste, ó José.”

Muitos dos passos indicados neste artigo para abordagem dos dois poemas, com os devidos ajustes, podem ser utilizados com outros poemas. Assim, esperamos ter trazido uma contribuição para o trabalho com o poema na sala de aula centrada numa metodologia que privilegia o diálogo do leitor com o texto e com parceiros de sala de aula.

Pelo percurso seguido, observa-me que o professor que queira trabalhar a poesia de modo efetivo precisa dialogar também com a crítica e a teoria literária. Não aplicar ao poema o que já foi dito sobre ele, mas dialogar com estas leituras e confrontá-las com outras que certamente vão nascer do embate em sala de aula.

## REFERÊNCIAS

ALVES, J. H. Pinheiro. Caminhos da abordagem do poema em sala de aula. *Graphos*. Revista da Pós-Graduação em Letras – UFPB. Vol. 10, ano 1, 2008.

ANDRADE, Carlos Drummond. *José*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.

CARVALHAL,

GLEDSOON, John. *Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1981.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. *José e algumas de suas histórias*. IN: ANDRADE, Carlos Drummond. *José*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MORAES, Emanuel de. As várias faces de uma poesia. IN: ANDRADE, Carlos Drummond. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.

PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. Campina Grande: Bagagem, 2007.

PRADO, Adélia. *Poesia Reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.

RUIZ, Alice S. *Dois em um*. São Paulo: Iluminuros, 2008.

SANT'ANNA, Affonso Romano. *Carlos Drummond de Andrade: análise da obra*. 2ª Ed Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1977.

